



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

TEXTO, DISCURSO E SOCIEDADE: O PAPEL DA MUCAMA E SUA REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NO NORDESTE PATRIARCAL- ESCRAVOCRATA

Adelson Florêncio de Barros¹

Resumo: Este texto está situado na Análise Crítica do Discurso com as vertentes sociocognitivas (DIJK, 1997) e social (FAIRCLOUGH, 2001; THOMPSON, 2011). Justifica-se a pesquisa realizada na medida em que há uma divergência de opiniões a respeito da obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. Tem-se por objetivos: 1. Verificar as representações em língua do papel social da mucama a partir da obra de Gilberto Freyre. 2. Verificar qual relação esse papel exercia na estrutura social da época. Os resultados obtidos até momento indicam que as mucamas eram jovens e bonitas e normalmente não tinham uma função bem definida, podendo desempenhar diversos serviços domésticos, desde tomar conta de crianças a fazer companhia às senhoras da casa quando saiam.

Palavras-chave: Texto; discurso social; representação social; ACD; Mucama.

Abstract: This text is located in the Critical Discourse Analysis with the socio-cognitive aspects (DIJK, 1997) and Social (FAIRCLOUGH, 2001; THOMPSON, 2011). It is appropriate to survey the extent that there is a difference of opinion about the work *Casa Grande & Senzala* of Gilberto Freyre. It has the following objectives: 1. Check the representations in the language of the social role of the maid from the work of Gilberto Freyre. 2. Check what relationship this role exercised in the social structure of the time. Results to date indicate that the maids were young and beautiful and usually do not have a well-defined function, and can perform various household services, from taking care of children to make the company the ladies of the house when leaving.

Keywords: Text; social discourse; social representation; CDA; west nurse.

¹ Doutorando em Língua Portuguesa nas modalidades Oral e escrita pela PUC-SP. Professor da Uninorte – Laureate University. Bolsista FAPEAM- Fundação de Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Amazonas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

Este texto está situado na Análise Crítica do Discurso (ACD) e tem por tema o papel social da mucama representado por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* no Nordeste Patriarcal-escravocrata. Tem-se por pressuposto que toda construção textual e a produção de sentidos são elaboradas cognitivamente pelo processamento da informação, na memória de trabalho das pessoas, acessando formas de conhecimento sociais e individuais armazenadas na memória de longo prazo. Sendo assim, é necessário inserir a categoria Cognição junto às categorias Sociedade e Discurso.

Justifica-se a pesquisa realizada na medida em que há uma divergência de opiniões a respeito da obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, segundo alguns ela retrata a escravidão brasileira pelo olhar do negro, segundo outros ela retrata a escravidão brasileira pelo olhar do branco, do senhor. As bases teóricas são da ACD onde serão tratados aspectos da cognição humana relativos à produção de sentidos com recursos de memória a partir de contextos. Cabe mencionar que todas as formas de conhecimento são representações mentais, construídas no e pelo discurso.

Os negros, no Brasil, eram vendidos/comprados para realizar serviços rurais e domésticos. Desde o início havia uma diferença entre os serviços femininos e serviços masculinos, diferenciados pelo lugar: dentro e fora da casa patronal. Assim, o negro era objeto de compra/venda e usado enquanto rendia e dava lucro; caso contrário, descartados. Por essa razão, não estava integrado na sociedade como ser humano, sendo discriminado socialmente e representado como objeto.

Este trabalho busca, também, problematizar o patriarcado como discurso normalizador de papéis familiares, visto que os valores patriarcais perduraram ao longo do tempo e legitimaram suas marcas na constituição das famílias ainda na atualidade. Assim, a família é colocada como algo não biológico, natural ou dado, porém produto de formas históricas de organização entre os humanos. Dadas as necessidades materiais de sobrevivência, bem como a perpetuação e reprodução da espécie, diferentes formas de relações foram inventadas com a natureza e entre si. Desta forma, as diferentes formas de organização e estruturação familiar foram criadas longo da história. Uma destas formas de organização e estruturação, centrada na figura masculina, foi a família patriarcal e, instaura-se, desta maneira, o patriarcado, como



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

uma nova ordem social centrada na descendência patrilinial e, conseqüentemente, no controle dos homens sobre as mulheres e estas sobre os serviçais.

A obra é considerada pela crítica uma das obras mais importantes a respeito da escravidão brasileira no Nordeste. Assim, Freyre recebe elogios de críticos como o antropólogo Darcy Ribeiro (1995), que no primeiro momento da publicação da obra, ao escrever um prefácio para uma edição venezuelana acerca do livro de Gilberto Freyre, afirmou em 1970 de maneira muito clara que *Casa Grande & Senzala* era a obra mais importante da cultura brasileira, resgatando o legado intelectual freyriano e período em que o sociólogo se encontrava em completo ostracismo no pensamento de esquerda. Em relação à sensação de ambigüidade que da obra desperta, assim manifesta:

A razão preponderante é ser ele um ambíguo. Por um lado, o senhorito fidalgo evocativo de um mundo seu. Por outro lado, o moço formado no estrangeiro, que trazia de lá um olhar perquiridor, um olho de estranho, de estrangeiro, de inglês. [...] Combinando as duas perspectivas nele interiorizadas, sem fundi-las jamais, GF viveu sempre o drama, a comédia - a novela, na verdade - de ser dois: o pernambucano e o inglês. (RIBEIRO, 1979, p. 26)

O reconhecimento de que o esforço intelectual de Freyre engendrava uma inédita possibilidade de positivação da identidade nacional foi prontamente reconhecido por boa parte de seus primeiros leitores.

[Freyre] Rompeu decididamente com o mito das ‘raças inferiores’ e contestou aqueles que culpavam todos os distúrbios e fragilidades de nosso organismo nacional à má qualidade dos povoadores de nossa madrugada histórica. (HORTA, 1985, p. 221).

Para Pontes não há dúvida, o sociólogo pernambucano carrega nas tintas ao atribuir papel extremamente positivo aos senhores de engenho:

[Freyre] Fala neles como os cronistas de antanho falavam em príncipes, fidalgos, nobres e gente de prol, escolhendo fórmulas solenes e impondo uma espécie de respeito e vassalagem a quem lê esses nomes sublinhados pela fortuna fácil, amassada à custa do trabalho escravo. (PONTES, 1985, p. 212)

Segundo Sodré (1985, p. 240), o livro “inaugurou uma nova época nos estudos científicos entre nós”. Nesta mesma esteira:



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Casa Grande & Senzala aparece num momento em que o ar começa a cheirar mal de tanto serem exumadas, por um certo número de intelectuais atrasados, ideias já nas catacumbas há muito tempo. Por isso, ao seu valor de grande obra, o caráter profilático que assume lhe dá um inestimável poder de ação. (GUIMARÃES, 1985, p. 118)

A observação de Lins (1985) reforça essa posição. Todavia, logo após a publicação da obra, Gilberto Freyre recebe uma série de críticas negativas. Segundo Moura (1988, p. 18), "Gilberto Freyre caracterizou a escravidão no Brasil como composta de senhores bons e escravos submissos". O mito do bom senhor de Freyre seria uma tentativa no sentido de interpretar as contradições do escravismo como simples episódio sem importância, e que não teria o poder de desfazer a harmonia entre exploradores e explorados durante aquele período.

A miscigenação é um antigo processo de enriquecimento racial e cultural dos povos, capaz de gerar civilizações, e que ocorre de forma livre e democrática. Dessa forma:

Historicamente a miscigenação de raças no Brasil nunca foi tratada e nunca existiu como um processo livre, espontâneo, e, portanto, natural de união entre dois povos. Ao contrário, a dignidade da mulher negra teria sido violentada, atingindo sua honra no âmbito moral e sexual, através de uniões mantidas à força, sob a égide do medo, da insegurança, onde as crianças eram concebidas legalmente sem pai, permanecendo no status de escrava, não havendo assim nenhum enriquecimento racial e cultural de civilização alguma. (SILVA, 1995, p. 67)

O autor chama a atenção para que é preciso que não se confunda a descaracterização de um povo pela violência sexual com a hipótese de uma democracia racial. Assim, colaborando com a questão:

Filhos, quase todos, de senhores de engenho, tinham à disposição o corpo das escravas — tidas como coisas, e assim obrigadas a aceitar o furor sexual dos grandes proprietários e seus descendentes. Algumas delas requintavam a sensualidade, buscando fugir à brutalidade do trabalho servil pelo reconhecimento de um senhor mais generoso. (GONZAGA, 1985, p. 16)

Candido (1993) ao se referir a obra Casa-Grande & Senzala não a considera uma interpretação do Brasil, mas uma autobiografia. Em seguida, não apenas Candido, mas Florestan Fernandes, Caio Prado Jr. e Octavio Ianni começam uma crítica sistemática às ideias de Freyre.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Frente ao exposto, justifica-se a pesquisa realizada. Além disso, as relações gramaticais funcionam ideologicamente, pois as representações contidas nelas são significativas e contribuem para a reprodução de relações de dominação, que a ACD objetiva denunciar.

O método é documental qualitativo com um procedimento teórico-analítico. A título de exemplificação, apresenta-se fragmentos selecionados da obra *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, os quais tematizam o papel da mucama na estrutura social da época e que na sua composição representam o papel da mucama. Os resultados apresentados participam de uma pesquisa mais ampla a respeito das representações discursivas, ideológicas, cognitivas, sociais e culturais dos diferentes papéis do negro em *Casa-Grande & Senzala* no Brasil patriarcal.

Considerações teóricas: Análise Crítica do Discurso

Na segunda metade do século XX, um conjunto de insatisfações possibilitou o aparecimento de um novo paradigma para a linguística: a Pragmática. De acordo com este paradigma, os estudos linguísticos voltam-se ao uso efetivo da língua tornando-se objetos de análise, o texto e o discurso. Desse modo tanto o texto quanto o discurso não podem ser investigados pela unidisciplinaridade, mas carecem da inter, multi e transdisciplinaridade. Assim, aparece a Análise do Discurso, que objetiva a construção dos sentidos, resgatando o contexto de produção na sua prática social, discursiva, e as estratégias enunciativas para que se obtenha o sucesso do macroato intencional. Dessa forma, foi possível, segundo van Dijk (1997), entender que o discurso define-se por um contexto global, visto como um esquema mental, constituído por participantes, que representam papéis definidos para cada prática social discursiva, investidos de suas funções e ações.

A visão crítica está centrada em problemas sociais e busca analisá-los tanto em relação aos elementos das práticas sociais quanto aos das práticas discursivas, responsáveis pela produção interacional de textos. Para tanto, a argumentação é a arma mais útil do poder.

A Análise Crítica do Discurso objetiva analisar o discurso para denunciar como, em tais práticas, quem detém o poder dissemina ideologia, de forma a dominar a mente das pessoas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Cognição, Sociedade e Discurso segundo a vertente Sócio-cognitiva

Há uma inter-relação entre três categorias, para uma análise crítica do discurso: Sociedade, Cognição e Discurso, para Dijk (1997), pois uma se define pela outra. Nesse sentido, todas as formas de cognição social e individual são construídas no e pelo discurso, em uma dialética, na medida em que o social guia o individual e este o modifica. A sociedade é constituída de grupos sociais que se diferenciam entre si pelas suas cognições sociais.

Dessa forma, segundo a vertente sócio-cognitiva, tem-se por pressuposto que a interação comunicativa pelo discurso decorre das formas individuais e sociais de representação mental do que acontece no mundo, ou seja, formas de conhecimento construídas nos e pelos discursos públicos institucionalizados e por eventos discursivos particulares e manifestadas em textos, produtos do discurso. Logo, toda a produção/compreensão discursiva perpassa pela cognição.

Segundo Silveira (2009), a ideologia e a cultura são conjuntos de valores contidos nas crenças sociais. A diferença entre elas é que a cultura compreende um conjunto de crenças cujos valores são construídos socialmente pelo vivido e experienciado pelas pessoas; e ideologia é um conjunto de valores imposto pelo poder aos grupos sociais com o objetivo de marginalizar pessoas e grupos sociais para haver a manutenção do poder.

Kintsch e Dijk (1983) tratam das estratégias de compreensão discursiva, a partir do modelo de memória por armazéns que diferencia a memória de curto prazo, a de médio prazo e a de longo prazo. O Discurso é definido como uma prática social, selecionada pelo grupo social, cujos textos produtos estão em uso. Dijk (1997), ao inserir a categoria Cognição na inter-relação das categorias Sociedade e Discurso, para a ADC, afirma que todas as formas de conhecimento são construídas no e pelo discurso.

Conforme Silveira (2009) o texto é aquilo que é dito e representado em qualquer semiótica. É o que eles dizem (os participantes). Todo texto é a respeito de alguma coisa. Já o discurso é quem fez aquilo e para quem? É a relação entre os participantes, pois os dois tem objetivos. O texto contém mensagem, contém o dito e o discurso são os participantes que fizeram parte daquilo daquele dito, mas que não é o dito. O texto não tem participantes, pois ele é produto desses participantes. O discurso não é processo, mas a ação deles.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O Patriarcado brasileiro escravocrata

Sabe-se que as diferentes formas de organização e estruturação familiar foram criadas longo da história. Uma destas formas de organização e estruturação, centrada na figura masculina, foi a família patriarcal e, instaura-se, desta maneira, o patriarcado, como uma nova ordem social centrada na descendência patrilinial e, conseqüentemente, no controle dos homens sobre as mulheres. É a partir do patriarcado que se normatiza os papéis familiares e são legitimadas suas marcas na constituição das famílias.

Na composição da família patriarcal, uma família numerosa, não se considera apenas o núcleo conjugal e de seus filhos, mas são considerados e incluídos um grande número de criados, parentes, aderentes, agregados e escravos, onde todos são submetidos ao poder absoluto do chefe que ao mesmo tempo era marido, pai e patriarca. Dessa maneira, o patriarca constitui-se em um núcleo econômico e um núcleo de poder e este, não raramente, era um senhor de engenho.

Cabe ressaltar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou centrado no masculino no que diz respeito à categoria social. Portanto, o patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos:

1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas. (MILLET, 1970, p. 20; SCOTT, 1995, p. 71-79)

A questão do patriarcado nas famílias brasileiras, no que diz respeito a história da instituição familiar, teve como ponto de partida o modelo patriarcal, trazido pela colonização e adaptado às condições sociais do Brasil de então, latifundiário e escravagista conforme (SAFFIOTI, 1979; XAVIER, 1998).

O modelo de família patriarcal era a espinha dorsal da sociedade da época e, portanto, desempenhava os papéis não só de procriação, mas da administração econômica e direção política. Era no espaço da Casa-Grande, considerado coração e cérebro das poderosas



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

fazendas, que nasciam os numerosos filhos e netos do patriarca, bem como os filhos ilegítimos fruto do empenhamento das negras, aumentando o rebanho e o capital por meio das negras e mulatas usadas como ventres geradores deste valioso objeto, consideradas ainda como animais engordados nas senzalas para gozo físico dos senhores e aumento do seu capital-homem, era na Casa-Grande que também traçavam-se os destinos da fazenda e educavam-se os futuros governantes do país. Cada um com seu papel bem definido.

Em relação a análise do patriarcado Gilberto Freyre é um dos autores que mais se detém e se destaca. Freyre (2006) explica que o patriarcalismo se estabeleceu no Brasil como uma estratégia da colonização portuguesa, tendo por bases institucionais na dominação o grupo doméstico rural e o regime da escravidão. A estratégia patriarcal consistia em uma política de população de um espaço territorial de grandes dimensões, com carência de povoadores e de mão-de-obra para gerar riquezas. A dominação era exercida por homens que utilizavam sua sexualidade como recurso para aumentar a população escrava e a relação entre homens e mulheres ocorria pelo arbítrio masculino no uso do sexo.

Freyre é considerado o inventor do conceito de família patriarcal ao descrever como se davam as relações familiares no Brasil. Este conceito nasce ao remontar o período colonial e perdura até o final do século XIX, momento em que este modelo de família entra em declínio sendo substituído, progressivamente, pelo novo modelo centrado na família burguesa.

Mucama

Em se tratando dos papéis domésticos femininos desempenhados pelas criadas, as mucamas se singularizavam. As mucamas eram bem conhecidas pela intimidade que desfrutavam junto à família, muitas vestirem-se luxuosamente e por serem as criadas pessoais realizando seu papel e servindo diretamente a um membro do lar. Assim, deveriam diferenciar-se em relação às demais pela educação e beleza, assim eram, geralmente, escolhidas entre as quais tinham melhor aparência. Tem-se por definição de Mucama “A escrava negra moça ou de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família, e que, por vezes era a ama de leite”. (HOLANDA-FERREIRA, 2009, p. 1368).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Geralmente a mucama era jovem e servia a uma sinhazinha adolescente, a quem se dedicava e executava uma série de tarefas, dentre elas: ouvir os segredos da sinhazinha, cuidar dos penteados, broches, vestidos, joias, catar piolho, fazer cafuné e infinitas outras atividades. A mucama era considerada a que mais se beneficiava com seu ofício, se comparado com as outras criadas que, dependendo da casa abastada, ficavam com os serviços e atividades mais pesadas e grosseiros como a cozinha, enquanto que a mucama de confiança frequentava e transitava os espaços íntimos da casa como as alcovas.

As famílias, dada a necessidade de uma constante companhia vigilante para a sinhazinha, disponibilizavam para esta tarefa uma mucama que acabava, por esta função, dividindo com ela o confinamento dos muros domésticos. Seu ofício estava relacionado, diretamente, à boa educação:

A criação e educação de uma boa mucama deviam ser pautados pelos valores caros à elite senhorial: recato, honestidade, recolhimento. Ela devia, em suma, parecer-se o quanto possível com o grupo no qual ela iria ser inserida. Esse era o preço a ser pago para usar vestidos custosos, adornos de luxo, e desfrutar intimidade doméstica de seus senhores. (SILVA, 2011, p. 232)

O fato do processo de aculturação e sua presença no seio da família e da casa, espaço onde ela transitava, não isentava a mucama de abusos patriarcais e escravistas, “sujeitas mais diretamente aos caprichos da ama e do senhor”, e “muito mais fiscalizadas”. (COSTA, 1998, p. 297). Havia algumas vantagens também:

As criadas pessoais – camareiras e amas-de-leite – podiam aspirar a ser recompensadas com afeição ou confiança. [...] Ser uma mucama trazia recompensas tangíveis – entendidas como tais por ambos os lados – em retribuição por um serviço apreciado: podiam receber um atavio ou ornamento que significasse um status especial, como por exemplo, um lenço de seda para atar o cabelo ou um par de chinelas; uma excursão ou, às vezes, até mesmo uma longa viagem [...]; ou, talvez, um casamento com um escravo preferido do patrão. Por serem as mais privilegiadas dentre as criadas, [...] embora fossem escravas, podiam talvez esperar a alforria. (GRAHAM, 1992, p. 61)

Havia uma preocupação exagerada com o comportamento da mucama, pois ela era a mais próxima da sinhá-moça. Esse cuidado também se dava para que a sinhazinha ficasse a salvo da corrupção e dos vícios que os escravos supostamente teriam e dessa forma transmitiriam tais elementos corruptores à recatada sinhá-moça.



Corpus e procedimentos

O método é documental qualitativo com um procedimento teórico-analítico. A partir dos objetivos propostos e a título de exemplificação, o corpus encontra-se constituído por fragmentos retirados da obra *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, fragmentos estes que representam, em língua e a partir de Gilberto Freyre, o papel social da mucama na estrutura social da época colonial do Brasil escravocrata.

Fragmentos retirados a partir da obra

Fragmento I

“Sabe-se que enorme prestígio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. Pela negra ou mulata de estimação é que a menina se iniciava nos mistérios do amor”. (FREYRE, 2006, p.423)

Fragmento II

“(…) sem tempo de criarem nem o primeiro filho. Sem provarem o gosto de ninar uma criança de verdade em vez dos bebês de pano, feitos pelas negras de resto de vestidos. Ficava então o menino para as mucamas criarem. Muito menino brasileiro do tempo da escravidão foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai e a mãe”. (FREYRE, 2006, p.433)

Fragmento III

“Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhá-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro de compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhe cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou orelhas. Toda uma série de judiarias”. O motivo, quase sempre, o ciúme do marido. “O rancor sexual. A rivalidade de mulher com mulher”. (FREYRE, 2006, p.421)

Fragmento IV

“A mucama escrava, observou no meado do século XIX o romancista Joaquim Manuel de Macedo, embora escrava, é ainda mais que o padre-confessor e do que o médico da donzela: porque o padre-confessor conhece-lhe apenas a alma, o médico, ainda nos casos mais graves de alteração da saúde, conhece-lhe imperfeitamente o corpo enfermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto quanto o padre e o corpo mais do que o médico. (FREYRE, 2006, p.423)

A mucama é um personagem que representa vários papéis, por isso seu papel também está contido em outras estruturas sociais. O próprio Gilberto Freyre sinaliza em sua obra que



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

as mucamas não tinham um papel ou função bem definidos. Ela representa o dominado pelo patriarca e o governado pela senhora, pois obedece às ordens e suas funções são guiadas pelo poder. Porém, esse domínio é passivo para Gilberto Freyre. Assim, esse papel dentro da Casa-Grande, que é o espaço da família, tem um certo respeito e prestígio pelo espaço social que ocupa em relação aos demais escravos que estão fora da Casa-Grande, considerados objetos coisificados e, conseqüentemente pertencente a outro espaço, ou seja, a senzala. Desta forma o papel de mucama a negra escrava assumia ao ascender da Senzala para Casa-Grande. E enquanto papel social realizado dentro da Casa-Grande ela era considerada na maioria das vezes como membro da família, mas não por consanguinidade.

O negro ele atua no ângulo que era a participação dele na família como membro da família, não era que ele tivesse deliberação, mas ele era “respeitado” pelo papel que ele executava naquele espaço. Mas ele não tomava decisões, não era um sujeito deliberador, mas submisso. Apenas era mais poupado que os demais em relação aos castigos severos e gozava de alguns privilégios como comer na Casa-Grande, não trabalhar em serviços braçais, na lavoura, ele usava joias e adornos.

Gilberto Freyre ao escrever o texto de *Casa-Grande & Senzala* ele o constrói a partir do ponto de vista dele para poder representar e ele representou a Casa-Grande e a Senzala pela família do senhor, onde a Casa-Grande é o local onde o senhor com sua família se instaura e que o negro também é parte dessa família, pois quem não faz parte dessa estrutura não goza de nenhuma prerrogativa.

É a negra, como papel de estima e na intimidade, que inicia as meninas nos mistérios do amor. Era a orientadora da área sexual da menina. Tinha ainda a responsabilidade de cuidar e criar os filhos das sinhazinhas por morte de sua senhora no parto ou por despreparo por conta da idade em não saber ou não querer cuidar.

Nos fragmentos I, II e IV a mucama representa um papel positivo. Ela é íntima e de estimação. Quando ela assume o papel dentro da Casa-Grande que é de estima e passa a fazer parte da família e considerara pela sua senhora como colaboradora. Quando a mucama é considerada rival por sua senhora ela perde a estima. Assim, na relação senhora e mucama temos a negra como papel positivo ao ser colaboradora, a que amamenta e a que cuida e assume um papel negativo ao ser considerada por sua senhora como rival e conseqüentemente



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

perde a estima. A relação da mucama e os filhos da senhora é caracterizada como papel positivo, pois há estima por parte da mucama, ainda que não sejam seus filhos. Os papéis representados pela mucama, ainda nesta relação, são de confidente, educadora e amiga.

A mucama assume dois papéis pelo olhar da senhora: 1. Papel positivo: como membro da família, logo, com estima, e situada dentro da Casa-Grande, sendo colaboradora dando de mamar, orientando, criando e fazendo o papel de mãe. 2. Papel negativo: quando representa ameaça ao espaço social de sua senhora, considerada como rival, e objeto de objeto de mutilação e ódio pelo olhar de sua senhora. Assim, perde a estima e passa a ser situada na Senzala como objeto coisificado.

No fragmento III a Representação em Língua: Ciúme do marido (causa): casos de crueldades apresentados por rivalidade, objeto de desejo e beleza. O rancor sexual (consequência), apresentados por enumeração: mucamas bonitas (rivais da beleza); baronesas já de idade (velhas); mulatinhas de 15 anos (jovem); castigo: queima das orelhas ou a cara, espatifar a salto de botina a dentadura das escravas, arrancar os olhos, mandava vender aos velhos libertinos, cortar os peitos e arrancar as unhas.

O senhor avaliava a mucama como papel positivo: por sua sensualidade, sua beleza e objeto de desejo. Porque para ele não existia estima do senhor pelo negro, mas apenas pela negra. Ele não tem amigo negro. O negro homem é braçal. De estima é quem contribui com a senhora. Por ser objeto de desejo do senhor a negra mucama era severamente punida por sua senhora e considerada como rival e conseqüentemente assumia passava a assumir um papel negativo perdendo assim a estima e não sendo mais considerada por sua senhora como colaboradora e parte da família. Deste modo a mucama assumia dois papéis atribuídos a ela: um como rival e outro como colaboradora de sua senhora. Em relação aos filhos da senhora a mucama é tida como: íntima, confidente e amiga.

Tem-se por fragmentos positivos: os fragmentos I, II e IV. As bases do texto são: negra ou mulata de estimação. Vida sentimental das sinhazinhas e iniciação nos mistérios do amor.

Em síntese: a rivalidade de mulher com mulher, quando a mucama deixa de ser colaboradora de sua senhora e é considerada como rival, sendo punida severamente e considerada por sua senhora como papel negativo e não mais pertencente como membro da



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

família, mas objeto coisificado de outro espaço social, o da Senzala. Essa representação com valor negativo não coincide com os críticos de Gilberto Freyre. Os senhores são representados com valor positivo da bondade. A senhora é cruel na defesa de seus interesses.

É o mandonismo que determina a estrutura da família na escravatura. O machismo caracterizado pelo mandonismo. A mulher caracterizada pela rivalidade e colaboração e toda rivalidade é pela sensualidade da negra. O que causa ameaça ao espaço e *status* social da senhora na Casa-Grande. E isso está tematizado na família do senhor e não no escravo.

Considerações finais

Os resultados obtidos até o momento indicam que a representação dos negros escravos é uma relação de exploração e subserviência, ficando evidente seu papel social naquele período e as mucamas, apesar de beneficiarem de alguns benefícios, não estavam isentas de castigos e demais infortúnios do regime escravocrata. Essas representações são ideológicas, na medida que discriminam socialmente a figura do negro escravizado e coisificado: a. pela classe que manipula e legitima o poder econômico, político e ideológico; b. pelos papéis desempenhados pelos negros escravos ocupando um lugar de humilhação, servidão e obediência.

Normalmente eram jovens e bonitas e, muitas vezes não tinham uma função bem definida, podendo desempenhar diversos serviços domésticos, desde tomar conta de crianças a fazer companhia às senhoras da casa quando saíam, muito embora na maior parte dos relatos elas sejam bem conhecidas pela intimidade que desfrutavam junto à família, muitas vestirem-se luxuosamente e por serem as criadas pessoais realizando seu papel e servindo diretamente a um membro do lar. Uma de suas principais tarefas era a vigilância constante das suas amas, principalmente das sinhás-moças. Sabe-se que enorme prestígio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. Pela negra ou mulata de estimação é que a menina se iniciava nos mistérios do amor.

Cabe ressaltar que as esposas brancas eram usadas para reprodução, e para ampliar o poder financeiro, político e patrimonial do patriarca, enquanto as escravas serviam para a satisfação dos verdadeiros desejos. Desta forma, a mucama, pela disposição e pertença de seu senhor, era usada também como deleite e objeto de caprichos dos patriarcas. Não raras vezes,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

os homens não podendo ter relações descompromissadas com as moças brancas de família, se deleitavam à custa da prostituição da negra.

Freyre destaca ainda o ponto de vista da casa-grande que atribuía às mulheres negras da senzala a depravação, citada ainda como uma influência perniciosa, que corrompia os filhos brancos e seus senhores, sua moral e os bons costumes daquela sociedade. A escrava negra sofria, além da violência física e sexual, a violência expressa em assédio moral e cinismo. O autor explica ainda que a corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava.

Os resultados apresentados abrem novas perspectivas para dar continuidade à pesquisa em busca de outros papéis sociais atribuídos ao negro e ao senhor e sua senhora nas relações da sociedade brasileira patriarcal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos 1750-1880*. 10.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- COSTA, E.V. da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1998, p. 297.
- DIJK, T. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Madrid: Paidós, 1997.
- DIVERSOS, in *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1997.
- FAIRCLOUD, N. *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília-DF: Edunb, 2001.
- FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Global, 2006.
- GONZAGA, S. *Manual de Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p.16.
- GRAHAM, S. L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. Tradução Viviane Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 61.
- GUIMARÃES, M. L. S. Historiografia e cultura histórica: Notas para um debate. *Revista Ágora*, São Paulo, v. 11, n. 1, 2005.
- HOLANDA-FERREIRA, A. B. de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009, p. 1368.
- HORTA, C. R. Renovador dos estudos brasileiros. In: FONSECA, E. N. da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985, p. 221.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

- KINTSCH, W.; DIJK, T. *Strategies discursive comprehension*. London: Academic Press, 1983.
- LINS, A. Livro de ciência e de literatura. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- MILLET, K. *Sexual politics*. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 20.
- MOURA, C. *Sociologia do Negro Brasileiro*. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1988, pág. 18.
- PONTES, E. Uma prosa límpida e inquieta. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985, p. 212.
- PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1971.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 26.
- RICUPERO, B. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2008.
- SAFFIOTI, H. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. Campinas: Cadernos Pagu, 2001.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1995, p. 71-79.
- SILVA, M. H. *Pretas de honra: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do século XIX (1840 – 1870)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, coedição, Salvador: EDUFBA, 2011, p. 232.
- SILVA, M. J. *Racismo à Brasileira: Raízes Históricas*. 3ª edição. São Paulo: Anita, 1995, p. 67.
- SILVEIRA, R.C.P. da. Um novo olhar para as narrativas de humor: os sentidos no cotidiano e na cultura. In: PIRES, L. C.; BEZERRA, A.; CARDOSO, D. (Orgs). *O texto em perspectiva*. Aracaju-SE: UFA, 2009.
- SODRÉ, N. W. Descobridor de uma verdadeira visão do Brasil. In: FONSECA, E. N. da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- XAVIER, E. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.